



Revista
de Psicologia
ISSN 2179-1740

“PORQUE IGNORAVAM MINHA SOLIDÃO TANTO QUANTO EU”: SOBRE A (AUTO)BIOGRAFIA DE MAURA LOPES CAÑADO

“BECAUSE THEY IGNORED MY SOLITUDE AS MUCH AS ME”: THE AUTOBIOGRAPHY OF MAURA LOPES CAÑADO

Stephanie Caroline Ferreira de Lima¹

Aluísio Ferreira Lima²

Resumo

O presente manuscrito trata de uma análise da narrativa de Maura Lopes Cañado no livro “Hospício é deus: Diário I”, publicado originalmente em 1965. Para tanto, foi realizada a articulação da leitura cuidadosa do diário autobiográfico com os referenciais teóricos relacionados à Psicologia Social, em especial, as contribuições de Theodor W. Adorno, Giorgio Agamben e Judith Butler. Em forma de ensaio, o artigo foi dividido em quatro partes, nas quais são apresentados: a) a contextualização do diário; b) a (auto)biografia de Maura Lopes Cañado; c) as narrativas acerca da condição do internamento no Hospital Gustavo Riedel; e d) as considerações acerca do que se pode apreender com a narrativa da autora. Esse itinerário permitiu a discussão da precariedade experienciada por Maura Cañado enquanto uma mulher que não correspondia às expectativas morais e sociais de sua época, articulada com todos os efeitos que o enquadramento psiquiátrico produziu em suas internações no hospício.

Palavras-chave: Palavras-Chave:Narrativa; autobiografia; psicologia social; manicômio; Maura Lopes Cañado.

Abstract

The present manuscript is an analysis of the narrative of Maura Lopes Cañado in the book "Hospício é deus: Diário I", originally published in 1965. For that, were articulated the careful reading of the autobiographical diary and the theoretical references related to Social Psychology, especially the contributions of Theodor W. Adorno, Giorgio Agamben and Judith Butler. In the form of an essay, this article was divided into four parts, which present: a) the contextualisation of the diary, b) the (auto)biography of Maura Lopes Cañado, c) the narratives about the condition of her hospitalization at the Hospital Gustavo Riedel, And d) the appointments about what can be apprehended concerning the narrative of the author. This itinerary allowed the discussion of the precariousness experienced by Maura Cañado as a woman who did not correspond to the moral and social expectations of her time, articulated with all the effects that the psychiatric frame produced in her hospitalizations in the madhouse.

Keywords: Keywords:Narrative; autobiography; social psychology; asylum; Maura Lopes Cañado.

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq. Membro do Parallaxe: Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica. E-mail: stephaniecarolinelima@hotmail.com.

² Psicólogo com Pós-Doutorado, Doutorado e Mestrado em Psicologia (Psicologia Social). Especialista em Saúde Mental pela USP e Especialista em Psicologia Clínica pelo CRP11. Professor Associado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará – UFC. Bolsista de Produtividade do CNPq. Líder do Parallaxe: Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica. E-mail: aluisiolima@hotmail.com.

“Como é desolador perder a fé nas pessoas a quem amamos. Como é terrível ficar sozinha. E como é desgraçado estar na situação em que estou”. (Cançado, 2015, p. 201).

As linhas acima encerram, no dia 07 de março de 1960, o diário de hospício de Maura Lopes Cançado. “Hospício é deus: diário I” foi escrito durante a internação voluntária da escritora em 25 de novembro de 1959 no Hospital Gustavo Riedel, no Engenho de Dentro, Zona Norte do Rio de Janeiro, instituição onde havia passado por uma primeira internação no Natal de 1957 até pouco depois do Carnaval de 1958 e, além disso, onde ficou por, pelo menos, 12 outras vezes internada. Na ocasião da escrita do livro, Maura estava em sua terceira internação.

Publicado em 1965, com o título de “Hospício é deus: diário I”; a segunda edição, em 1979, pela editora Record; a terceira, em 1991, pelo Círculo do Livro; e a quarta, em 2015, pela Autêntica, o livro foi elogiado pelos críticos literários da época e bem recebido pelo público leitor, abrindo as portas para uma carreira de sucesso da escritora que, sendo cada vez mais conhecida, elaborou, em 1968, um novo livro, reunindo contos publicados no “Jornal do Brasil” e textos inéditos, o também aclamado “Sofredor do ver”.

Maura Cançado, que circulava pelo caderno cultural mais prestigioso de sua época, o Suplemento Dominical do “Jornal do Brasil” (SJDB), era amiga de pessoas influentes como Reynaldo Jardim, Ferreira Gullar, Assis Brasil, José Loureiro e Carlos Heitor Cony, entre outros (Meireles, 2015, p. 204), o que indicava um futuro promissor para a brilhante mulher que dizia ser “a melhor escritora da língua portuguesa” (Meireles, 2015, p. 204). Estes amigos a ajudaram durante vários anos, fornecendo emprego entre suas primeiras internações, além de proporcionarem a publicação de seus contos no Jornal do Brasil e a publicação dos livros.

A escritora não publicou nenhum outro livro ou conto desde então, embora exista a informação, confirmada por ela na entrevista realizada pela jornalista Margarida Autran e publicada no Jornal “O globo”, em 1978, de que havia escrito um outro livro, cujo manuscrito sem cópia foi perdido durante sua transferência do presídio de Bangu para o Hospital Penal da Penitenciária Lemos de Brito.

Seu temperamento e excentricidade, que cresceram juntamente com sua reputação como escritora, na verdade, acabaram atraindo paixões hostis que culminaram em seu progressivo isolamento social, principalmente após o homicídio que cometera no dia 11 de abril de 1972, na ocasião de uma internação na Clínica de Saúde Dr. Eiras, em Botafogo, Rio de Janeiro. Este fato fez com que Maura Cançado

respondesse a um longo processo judicial, no qual foi considerada inimputável e encaminhada para internação em manicômios judiciários. O interessante, nesse episódio final da “carreira moral” (Goffman, 1988) que a escritora viveu, foi o fato de que os laudos e os documentos produzidos durante o processo excluíram toda a influência familiar, cultural e institucional que a levaram à reincidência nas instituições psiquiátricas. Scaramella (2010) analisa detalhadamente, na sua tese de doutorado, o processo a que Maura foi submetida, dando ênfase ao peso dessas influências, as quais foram desconsideradas no laudo psiquiátrico do processo criminal

... a partir de um discurso que se apresenta como uma verdade de caráter científico. No entanto, muito desse discurso está ancorado em fatores sócio-culturais, sendo então a reprodução de um conjunto de valores, da moral vigente na época.... Nada do que é levado em conta para justificar o crime é exterior a Maura. No laudo, todos os discursos de reprovação são acionados, transformando essa história e todo o resto que conseguiram juntar em uma curva de vida defeituosa – em todas as suas dimensões. Essa curva mostra a pessoa extravagante, caprichosa, imoral, divorciada da realidade. (Scaramella, 2010, p. 169-172).

Foi ignorada a necessidade de investigação dos motivos que levaram ao homicídio e os peritos psiquiatras se deram por satisfeitos quando Maura disse não se lembrar do que a fez matar sua colega de quarto por asfixia. Devido à falta de ala feminina nestas instituições, ela cumpriu pena em diversos hospitais psiquiátricos públicos, que a transferiram constantemente, e passou alguns anos isolada em penitenciárias comuns – masculinas e sem tratamento psiquiátrico disponível.

Na ocasião de seu enterro, em dezembro de 1993, compareceram apenas uma dúzia de pessoas (e eram amigos de seu filho e de sua nora). Tal como ela escrevera, buscando uma explicação, ainda no diário: “Porque ignoravam minha solidão tanto quanto eu. Nossas maldades correndo por conta da nossa cegueira. Agora, em último esforço, tento deixá-los em paz para sempre: também as pessoas morrem e não as buscamos depois.” (Cançado, 2015, p. 161). E, de fato, nos anos seguintes à sua morte, seus livros foram esquecidos, sendo redescobertos há poucos anos, ainda que de modo muito tímido, pelo meio acadêmico (Silva, 2008; Scaramella, 2010; Batista, 2010; Silva, 2011; Corrêa, 2013; Custódio, 2014; Cordeiro, 2014;

Souza, 2014; Musilli, 2014; Gomes, 2014).

A saída da obscuridade das obras de Maura e o interesse atual por sua biografia não são um mero acaso. Afinal, vivemos em uma época ambígua onde ao mesmo tempo em que se percebe o recrudescimento das posturas autoritárias, misóginas e preconceituosas, experienciamos uma luta pela reparação das injustiças e a busca por descobertas que propiciem o vislumbre das ações negligentes que foram alicerçadas pela indiferença, pela produção da invisibilidade.

Além disso, é um momento onde o “espaço biográfico”, que se referia ao conjunto consagrado de gêneros que tiveram sua origem no século XVIII, tais como as biografias, autobiografias, diários íntimos, confissões, correspondências (Lejeune, 1970), tem sofrido a expansão contemporânea em gêneros, formatos, estilos etc. de formas variadas, como é o caso das entrevistas jornalísticas, dos documentários, das histórias e narrativas de vida e da autoficção, que procuram, cada vez mais, multiplicar as vozes de celebridades e desconhecidos registrando a experiência singular, que serve de reflexão para outras experiências.

Assim, uma vez que nossas vidas não são autossuficientes, mas condicionadas a partir de nossa relação com os outros, e que, como escreveu Delory-Momberger (2011, p. 341), “*não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; [mas] pelo contrário, temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida*” [grifos do autor], a escolha por debruçar-nos sobre a (auto)biografia de Maura Cançado e confeccionar o presente ensaio, justifica-se pela possibilidade de oferecer reflexões significativas para o campo da Psicologia Social e de áreas afins.

Para tanto, a forma de escrita adotada para a análise do diário de Maura Cançado foi a do ensaio. Essa forma de produção, descrita por Theodor W. Adorno (2003), estrutura-se “como se pudesse, a qualquer momento, ser interrompida” (p. 35), pareceu-nos a mais adequada para lidar com os perigos da pressuposição de uma pretensa resposta no texto, como se não tivéssemos nada mais para dizer sobre o assunto. O ensaio, por ser construído a partir de fragmentos, permite encontrar nas narrativas de “Hospício é deus”, de Maura Lopes Cançado, uma “unidade ao buscá-la através dessas fraturas, e não ao aplainar a realidade fraturada... [Afinal, a característica de] descontinuidade é essencial ao ensaio; seu assunto é sempre um conflito em suspenso” (Adorno, 2003, p. 35).

E, uma vez que o ensaio é um reflexo da própria realidade fragmentada e obscura que ele representa, a escrita, nesta perspectiva, é sempre um conflito em

suspenso entre o que não foi apreendido, o que se tenta apreender e o que nunca poderá ser apreendido totalmente. No diário escrito por Maura Cançado, é perceptível que os diferentes relatos revelam muito mais que a violência inerente ao manicômio, o sentido do diagnóstico psiquiátrico e as formas de tratamento, temas que permanecem atuais em instituições e práticas de cuidado em Saúde Mental brasileiras. A narrativa da autora revelou as várias formas de apresentação da violência ética e da precariedade, as quais se pode estar submetido ao longo de uma vida, evidenciando e denunciando barbáries que ainda não foram superadas em nossa sociedade.

Maura Lopes Cançado

Meu diário é o que há de mais importante para mim. Levanto-me da cama para escrever a qualquer hora, escrevo páginas e páginas – depois rasgo mais da metade, respeitando apenas, quase sempre, aquelas em que registro fatos ou minhas relações com as pessoas. Justamente nestas relações está contida toda minha pobreza e superficialidade. Não sei como alguém, como eu, pode reagir da forma com que faço. Será deveras lastimável se este diário for publicado. (2015, p. 131-132).

Por não se tratar de uma biografia escrita por outra pessoa, em “Hospício é Deus” (Cançado, 2015) as experiências de Maura Lopes Cançado foram apresentadas no diário à medida em que se lembrava dos acontecimentos relacionados ao que ela tomou como uma espécie de tema do dia, não sendo uma narrativa linear. Diante dos limites da recordação e do esquecimento, a autora procurou articular suas lembranças com suas experiências de internação.

Na estratégia utilizada para criar um fio condutor, de modo a oferecer ao leitor elementos para a compreensão de quem era, Maura Cançado inicia sua escrita narrando as recordações de sua vida até a ocasião datada de 20 de abril de 1949, sua primeira internação voluntária por conta de uma “depressão profunda”, no sanatório privado Casa de Saúde Santa Maria, de Belo Horizonte, quando tinha 19 anos. Ela contrasta, posteriormente, estas experiências com as de sua segunda internação voluntária, ocorrida no dia 25 de novembro de 1959, no Hospital Gustavo Riedel. Nessa primeira parte de sua narração, Maura Cançado evidenciou as normas de gênero mediante as quais ela se reconheceu e analisou que a capacidade de sobrevivência nunca é estipulada por nós mesmos.

Nasci [em 1929] numa bela fazenda do interior de Minas, onde meu pai era respeitado e temido como o homem mais rico

e valente da região. Fui uma criança bonita, todos dizem, e sei pelos retratos. Há sete anos mamãe não tinha filhos quando se deu meu nascimento. Daí tornar-me objeto de atenção de toda família e o orgulho de meu pai. Depois de mim nasceram mais duas meninas: Selva e Helena. Mas nenhuma conseguiu me tomar o lugar, nem fez diminuir o brilho do qual vim revestida e me impôs a admiração dos que me cercavam. As pessoas, mesmo as desconhecidas, jamais deixavam de me prestar atenção, ainda quando meu papai se esquecia de me mostrar, glorioso, como era seu costume. Eu era morna, doce e presente – o que se toma no colo deixando o coração macio e feliz. Sobretudo em mim havia a surpresa: esperavam apenas uma menina, e subitamente me mostrava mais. Creio que em nada desapontei. Ao contrário, como criança fui excessiva. (2015, p. 8-9).

Nessa parte do diário, observa-se que a escritora nutria uma visão idealista e ambígua sobre seu pai, na qual ele seria romântico e atencioso, e também paranoico, violento e bravo. Nas palavras de Maura Cançado: “um romântico, um sentimental. Vivía cercado por homens que matavam, junto aos quais cresci... Hoje reconheço-lhe um temperamento paranoide. Além de sua sensibilidade e inteligência herdei-lhe este temperamento”. (Cançado, 2015, p. 8-9). Um fato curioso percebido no diário é que mesmo tendo vivido tentando manter a “aparência” de aristocrata, não gostava de ser comparada diretamente à mãe dela, considerada por Maura como “modesta, generosa, quieta. Talvez a mais modesta pessoa que [conhecia]” (Cançado, 2015, p. 11). Prefere, no diário, manter sua imagem vinculada ao seu pai, pessoa com muito poder e influência social.

Como é possível observar logo nas primeiras páginas do diário, a riqueza da narrativa desenvolvida pela autora acerca desse período está no fato de que, a despeito de qualquer censura, foi capaz de trazer à tona os conflitos inerentes à tentativa de construção de um “eu” diante da tensão entre as normas éticas e referências morais da elite. Sem reservas, ela escreve:

Não creio ter sido uma criança normal, embora não despertasse suspeitas. Encaravam-me como a uma menina caprichosa, mas a verdade é que já era uma candidata aos hospícios onde vim parar. O medo foi uma constante em minha vida. Temia andar sozinha pela casa, ainda

durante o dia. Sofria mais que o normal se me via obrigada a separar-me de mamãe ou papai, ainda que por alguns dias. Temia ser enterrada viva. (Cançado, 2015, p. 13).

E, se de um lado se via como “morna, doce e presente”, por outro, “sentia grande prazer nas coisas feias”, sentindo-se sempre em falta por isso. Não por acaso, existia também uma descrição ambígua de si mesma em vários momentos do texto. Ao narrar lembranças de sua infância, Maura Cançado (2015) buscava refúgio por não conseguir se adequar à religiosidade e moral conservadoras de sua família. O modo conservador como foi criada, por conta das regras morais e religiosas, as quais faziam do sexo um assunto tabu para as mulheres (“Ensinar-me a encará-lo como coisa feia e proibida. Passei a sentir-me constantemente em falta, por ser grande minha curiosidade sexual. “É pecado fazer coisas feias”, diziam-me”) e Deus “o demônio da minha infância” (um “ser poderoso, vingativo, de quem nada se podia ocultar”), fez com que Maura criasse estratégias e escondesse as violências sofridas na infância. (Cançado, 2015, p. 16-17).

O difícil no trabalho de dar conta de si mesma, em face à interpelação que todos nós estamos submetidos, segue a cada linha do diário, sendo um esforço de recordação que possibilita a retomada da discussão iniciada por Theodor W. Adorno nas conferências que ministrou, em meados de 1963, intituladas: “Problemas de filosofia moral”. Nestas conferências, entre as diversas questões exploradas por Adorno, estava a questão da violência ética, a instrumentalização coletiva da violência quando o “ethos coletivo” não é mais compartilhado, “quando as normas morais de comportamento deixam de ser óbvias e indiscutíveis na vida de uma comunidade” (Adorno, 2001, p. 16).

No diário de Maura, a questão da violência ética aparece como tema central. Quando ela faz seu relato, acaba por fazê-lo focando nas formas como lidou com essas violências por si mesma, porém também sendo obrigada a discutir como as violências foram sendo experienciadas na medida em que sua maneira de lidar com as coisas no mundo seguia em desacordo com o esperado.

Mas, se durante sua vida ela ficou em silêncio, no seu diário ela denuncia muitas dessas violências, mesmo que estas não tenham sido recebidas como tal, causando grande reprovação da família Lopes Cançado quanto à publicação do livro. De todo modo, as denúncias permaneceram, como foi o caso de ter sofrido abuso sexual durante a infância, cujos agressores foram jagunços, funcionários da fazenda de

seu pai.

Na fazenda tínhamos uma loja. O rapaz, empregado da loja, sempre se recusava a nos dar balas a mim e minhas irmãs menores. Uma tarde fui sozinha. Pedi-lhe. Disse que sim. Sentou-me no balcão e teve relação sexual comigo, nas minhas pernas. Não tive nenhuma reação, creio haver sentido prazer e nojo. Sentindo-me molhada, julguei que ele houvesse feito pipi nas minhas pernas (eu devia ter cinco anos). Deu-me as balas e fui para casa. Era de tarde. Todos se achavam sentados na varanda. Mamãe também. Usava um vestido branco, parece-me. Ao ver-me, tentou pôr-me no colo. Recusei-me. Achei-a limpa, inocente e bonita. Corri para casa, deitei-me sob os lençóis, sem me lavar. Mais tarde, durante muito tempo, ao me deitar para dormir, à noite, olhando mamãe andar pelo quarto, lembrava-me do que acontecera e chorava (o rapaz desapareceu na madrugada do dia seguinte, deixando a impressão de que ficara louco. Não compreendi a razão de sua fuga, nada revelei a ninguém). Mais tarde, dois outros empregados repetiram o mesmo. (Cançado, 2015, p. 17-18).

Maura Cançado casou-se em 1943, com apenas 14 anos, com Jair Praxedes, membro do aeroclube que a escritora também frequentava e filho de um coronel influente da região. Com Jair Praxedes teve seu único filho, chamado Cesarion, naquele mesmo ano. Pediu a separação com poucos meses de casada, foi para Belo Horizonte e seu filho foi criado pela avó materna. Alguns anos depois, seu ex-marido faleceu em um acidente de avião, como piloto.

A escritora narra que, por conta da condição de ser uma mulher separada, foi impedida de se misturar com outras estudantes e de terminar os estudos. Na época, a separação matrimonial era vista com pena e raiva e as mulheres tinham receio de que o divórcio de Maura pudesse influenciar outras a se separarem.

Acusavam-me, sim, de haver me casado. Justamente a realidade que me negava a reconhecer.... Mas casamento? – Até me descasara. O casamento, porém, nunca fora real. Mulheres me olhavam pensativas: “Tão nova, já com este drama”. Que drama? Me perguntava irritada. Os homens se aproximavam violentos, certos de que eu devia ceder: “Por que não, se já foi casada?”.

Moças de “boas” famílias me evitavam. Mulheres casadas me acusavam de lhes estar tentando roubar os maridos. Os tais maridos tentavam roubar-me de mim mesma: avançavam. Eu tinha medo. (Cançado, 2015, p. 23).

No dia 20 de abril de 1949, assim, internou-se voluntariamente no sanatório privado “Casa de Saúde Santa Maria”, onde recebeu o diagnóstico de epilepsia, chamado até então de “mal comicial” (Meireles, 2015), bem como o seu primeiro diagnóstico psiquiátrico de “depressão profunda” (Cançado, 2015). Os episódios de epilepsia serão retomados em vários momentos do diário. Em uma passagem, Maura Cançado faz uma síntese das piores crises que passou:

Aos sete anos fui vítima [de] um ataque convulsivo que muito preocupou meus pais. Deu-se enquanto eu dormia, e não sofri. Apenas dor de cabeça ao acordar. Aos doze anos, estudando interna, tive outra crise, nas mesmas condições. Também não me preocupou. Ao contrário, vi-me alvo de muitas atenções. Mas aos quatorze anos, estava acordada, tive uma crise e foi horrível. Creio ter ficado inconsciente mais de nove horas, depois do quê me veio uma certa amnésia que durou um dia. Outra crise se repetiu em condição análoga, logo após meu casamento, durante a gravidez, e a última, aos quinze anos, depois da morte de papai. Não se repetiram até hoje. Tenho tido constantemente crises equivalentes. As auras epiléticas me são quase que cotidianamente familiares. (Cançado, 2015, p. 18-19).

No ano de 1953, Maura Cançado mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro e foi contratada por Reynaldo Jardim, editor do Suplemento Dominical do Jornal do Brasil (SDJB), como secretária e, posteriormente, como escritora. Continuava a morar em hotéis com o dinheiro da herança deixada pelo pai, mas a gastou em alguns meses. Neste período, Assis Brasil, crítico literário de renome, emprestou um apartamento em Copacabana para Maura — a maioria escritores do SDJB —, entre uma internação e outra (Meireles, 2015).

Meireles (2015, p. 214) afirma que “a única época em que houve mais luxo foi durante seu caso com Gilson Lobo, dono de uma empresa carioca de ônibus, um homem casado”, o qual pagou algumas das internações da escritora em hospitais psiquiátricos privados nos anos seguinte. Acerca deste período da

vida de Maura, o autor aponta que:

Foi aqui que começou uma fase muito crítica de sua vida... em 1955, ela trancou-se no banheiro de um amigo e tentou suicídio. Após ser socorrida, levaram-na à 2ª Delegacia de Polícia do Rio, onde disse não se lembrar de nada. Falou também não ter casa e sentir-se faminta e abandonada. (Meireles, 2015, p. 214).

No final de 1957, ocorreu sua primeira internação no Hospital Gustavo Riedel, no bairro Engenho de Dentro da cidade do Rio de Janeiro, que se estendeu até pouco antes do Carnaval de 1958. A segunda internação neste hospital, entre 25 de outubro de 1959 e 3 de março de 1960, foi o período em que escreveu o diário que resultou no livro "Hospício é deus". Nessa ocasião, entre os pertences que Maura Caçado levou para seu quarto no hospital psiquiátrico, estavam uma máquina de escrever Olivetti 22 portátil – que ela ganhara de presente de Carlos Heitor Cony para escrever seus contos ao SDJB – e folhas em branco do SDJB, cedidas por Reynaldo Jardim que sempre as trazia em períodos de visita. Este apoio foi essencial para que o livro "Hospício é deus" (2015) pudesse ser escrito e publicado, pois a autora já não tinha recursos financeiros para tal.

Durante a internação, Maura Caçado tentou negociar como pôde suas saídas do hospital, a fim de continuar em seu emprego, que era visto por seu médico como uma evolução no tratamento. Todavia, apesar das expectativas de seu médico, Maura não retornou ao SDJB e somente conseguiu emprego como secretária, no Ministério da Educação, após sua alta do Hospital Gustavo Riedel em março de 1960. O fato de não retornar ao SDJB se deveu às várias discussões entre ela e seus amigos do jornal, que foram relatadas no diário de modo muito ressentido.

Após algumas outras internações, porém, a escritora foi aposentada do Ministério devido às suas doenças mentais (Meireles, 2015). Ela, que conforme assinalamos anteriormente, já não tinha contato com a família desde as primeiras crises, após a publicação do livro, onde expôs sua vida familiar, foi abandonada à mercê dos hospitais psiquiátricos públicos, passando a receber visitas esporádicas somente de seu filho, Cesarion, quando ele atingiu a idade adulta. Os eventos que ocorreriam a partir de então, que culminaram no assassinato de sua colega de quarto, o julgamento que a declarou inimputável e a morte quase que no anonimato e na solidão, mostram como os vários enquadramentos normativos, os quais "estabelecem de antemão que tipo de vida será digna de ser vivida, que

vida será digna de ser preservada e que vida será digna de ser lamentada" (Butler, 2015, p. 85), foram estabelecendo o tipo de vida que Maura Caçado poderia viver e morrer.

O diário de Maura Lopes Caçado

Considero meu diário simplista. Sou muito mais do que aparento ser neste diário. Meus diálogos com o médico revelam uma inteligência rápida, brilhante, ele confessa sempre que sou mais inteligente do que ele. Ao escrever, limito-me quase sempre a registrar fatos. É pena. (Caçado, 2015, p. 197).

A decisão de escrever o diário, no começo muito clara e deliberada, está diretamente relacionada ao que podemos chamar de "potência estratégica" e acompanha toda a narrativa, sendo que, ao longo do diário, Maura parece viver um processo mais complexo, sem importar-se com a linearidade, pois ora se identifica com o instituído, ora se percebe como uma estranha. Delory-Momberger (2011), ao discorrer sobre a forma como organizamos nossa própria história, escreve que buscamos situações e acontecimento de nossa existência, realizando um processo de coleta organização e ordenação, de modo que "damos a eles uma forma unificada e associada a uma vivência proteiforme, heterogênea, incerta, inapreensível e, através dessa formatação, interpretamos e outorgamos sentido ao que vivemos". (Delory-Momberger, 2011, p. 341).

Nesta perspectiva, através do diário, percebemos que a decisão metódica coloca Maura perante uma ruptura onde só consegue alcançar a transparência da escrita escondendo-se e tornando-se obscura, não somente para os outros, mas para si mesma. No início da narrativa, chama a atenção sua clareza diante do jogo institucional. Ela aceita a mentira do diagnóstico para denunciar a mentira social, de um modo muito próximo ao que faziam os cétricos e cínicos gregos.

A guarda que me recebeu (monstro antediluviano), Cajé, me fez imediatamente trocar o vestido pelo uniforme do hospital. Enquanto trocava de roupa, recebia dela as intimidações: "Não banque a sabida nem valentona. Pensa que por ser bonita vale mais do que as outras? Saiba lidar conosco (guardas), que se dará bem. Queixas ao médico não adiantam. Vocês são doentes

mesmo. Compreendeu?”. Claro que compreendi, Cajé. Estou aprendendo há três anos. (2015, p. 28).

Maura Cançado questiona, por conta de seus efeitos imediatos, os métodos e o diagnóstico psiquiátrico estabelecidos por Dr. J., um dos médicos que chegou a lhe aplicar eletrochoque. Nas suas narrações, a vemos tentando recusar sem cessar os rótulos que lhe são oferecidos.

Serei mesmo PP? Foi o diagnóstico que a dra. Sara também me deu, posteriormente. Agora possuo um rótulo, até mesmo bonito: Personalidade Psicopática. Isso levou aquele médico bonito a rir e se afirmar “como o que sabe”. Isso me fez tolerar impotente sua risada. Isso me marginalizou de todo. Na minha ficha do hospital meu nome não tem valor. A ficha tem a finalidade de acrescentar mais uma psicopata para a estatística. Estatisticamente sou considerada Personalidade Psicopática – mais nada. (Cançado, 2015, p. 41)

É como se Maura Cançado encarnasse Bartleby, personagem do livro de Herman Melville (2015), cuja recusa a partir da repetição da frase “preferiria não!”, eliminando qualquer traço do verbo querer, pudesse produzir uma cadeia de eventos que geraria uma zona de indiscernibilidade entre o “ser” e o “não ser”. Na narrativa do diário, acompanhamos a insistência da instituição nos diagnósticos e nas prescrições, enquanto Maura segue resistindo com o seu “*I prefer not!*”. Isso, podemos imaginar, talvez tenha sido um dos elementos que impediram a redução de Maura Cançado ao diagnóstico psiquiátrico, a ponto de ser mais do que uma mera paciente. Afinal, como sabemos, “se alguém é incriminado, enquadrado, em torno de sua ação é construído um *enquadramento*, de modo que seu estatuto de culpado torna-se a conclusão inevitável do espectador” (Butler, 2010, p. 23).

E se, no início do diário, o diagnóstico aparece como um problema para Maura, quase no final do manuscrito, a indeterminação de reconhecimento pós-convencional ainda a faz procurar uma descrição digna de si mesma, mesmo que nesse momento finalmente compreendesse sua condição enquanto estrangeira, fora de seu mundo e de seu tempo.

Entendendo, de acordo com as proposições de Butler (2015, p. 18), que o “eu” “não tem história própria que não seja também a história de uma relação – ou conjunto de relações – para com o conjunto de normas”, na condição de estrangeira, é possível dizer que a

escritora percebe que precisa “aparentar ser o que não é”, uma vez que “quem é” não importa para a instituição, para que possa sobreviver e receber alta do hospital psiquiátrico.

Avanço, cega e desnecessária – não é este o meu tempo. Fora da vida, do mundo, da existência – apesar de enclausurada. Que sou eu? Não importa. Quem poderia julgar-me? – Neste mundo vazio encontro-me tranquila – angustiada. Obrigada a marchar como os outros, aparentando ser o que não sou, ou perturbo a ordem. Regredir é minha preocupação permanente. Dançar como os que me cercam. É o que procuro em vão, minha preocupação permanente – porque não me agrada ser vítima de um erro do destino. Busco apequenar-me dia a dia: este cotidiano mata-me – e parece ser minha única tarefa a desempenhar na Terra. Depois passarei, sem conseguir minha identificação. E não serei jamais alguém, frequentei o tempo errado. Apesar desse erro, ou, em consequência mesmo desse erro, sou tranquila e longe. (Cançado, 2015, p. 171).

Conforme observamos no decorrer de sua vida de interações, o mais difícil não será sustentar a condição de “não ser nada”, situação difícil de ser mantida em face das várias pressuposições a que estão submetidas as nossas identidades (Lima, 2010; Ciampa, 1987). O desafio para Maura será o de ser capaz de superar esse “não ser nada” para, a partir dele, se tornar algo para si mesma, de modo a escapar da carreira moral enquanto “Louca”. Mas como fazer isso? Quais as condições de reconhecimento de uma outra Maura que não fosse a diminuída à condição de louca? O diário não oferece essas respostas, pelo contrário, apresenta outros elementos que tornariam ainda mais difícil qualquer superação. De certa forma, Maura sabia que a instituição era muito menor que os sujeitos internados.

Estar internado no hospício não significa nada. São poucos os loucos. A maioria compõe a parte dúbia, verdadeiros doentes mentais. Lutam contra o que se chama doença, quando justamente esta luta é que os define: sem lado, entre o mundo dos chamados normais e a liberdade dos outros. Não conseguem transpor o “Muro”, segundo Sartre. É a resistência. Também se luta contra a morte, quando morrer talvez seja realizar-se. Se existe vergonha é na luta: perder o lugar no mundo, afetividade, direitos (direitos?). (Cançado, 2015, p. 25).

Todavia, ela também compreendia que o hospício, representação física e subjetiva de seu deus

da infância, com suas práticas de vigilância, violência, solidão e abandono, era o lugar de experimentação da eternidade: a eternidade da loucura.

O que me assombra na loucura é a distância – os loucos parecem eternos.... Conquanto nos dois estados [morte e loucura] encontro pontos de contato – o principal é a distância. Ainda que só diante do louco tenha experimentado a sensação de eternidade. Nele não encontramos a falta. Nos parece excessivo, movendo-se noutra espécie de vibração. Junto dele estamos sós. Não sabendo situá-lo fica-se em dúvida: onde se acha a solidão? O louco é divino, na minha tentativa fraca e angustiante de compreensão. É eterno. (Cançado, 2015, p. 25).

Maura Cançado, é importante lembrar, viveu sua internação no Gustavo Riedel em um período crítico da assistência em saúde mental no Brasil, um dos momentos caóticos da história das reformas iniciadas desde o início do século XX e que, após 1960, seguiu duas frentes: o fortalecimento dos manicômios privados e o aumento da intervenção psiquiátrica na comunidade, com fortes tendências a psiquiatrização do social (Lima, 2010), período em que a atenção psiquiátrica tornou-se ainda mais controladora e violenta, sendo realizados procedimentos invasivos, como o eletrochoque (Custódio, 2014, p. 34). Em uma das passagens, ela denuncia o quanto o discurso médico transformava o adoecimento mental em justificativa para a constante vigilância e punição.

É monstruoso. Os médicos são de uma incoerência escandalosa; por mais que queiram negar, estão de acordo com os “castigos”, aprovam-nos ou mandam até mesmo aplicá-los. É necessário levar em consideração que são estes mesmos médicos que classificam os doentes, “acusando-os” (é importante) de irresponsáveis. Mas esta responsabilidade de afirmar se o indivíduo é ou não responsável parece terminar no momento em que é feito o diagnóstico. Como punir a inconsciência é o que não entendo. Entretanto, o médico, depois de rotular o indivíduo de irresponsável, inconsciente, exige deste mesmo indivíduo a responsabilidade de seus atos, ao mandar (ou permitir que se faça) castigá-lo. (Cançado, 2015, p. 83-84).

E embora estivesse internada em um lugar hostil, ela não aceitava a violência de forma submissa, aliás, em alguns momentos, reproduzia a violência sofrida com funcionários e médicos do hospício. Na ocasião da desinternação, a pedido de sua mãe, Maura Cançado descreve essa forma de reagir, fazendo uso do próprio diagnóstico que foi submetida.

Mamãe veio de Belo Horizonte, tirou-se imediatamente do sanatório. Foi muito chocante para ela quando, ao abrir-lhe a porta, corri para seus braços, despenteada e malvestida. Antes da sua chegada, meu médico veio, muito cordialmente, avisar-me que ela já se achava no aeroporto. Encontrou-me deitada no chão do corredor, chorando. Falou carinhosamente comigo (foi a primeira vez que o vi depois de estar ali), gritei-lhe todos os desaforos que armazenara durante aqueles dias, dei na cara de uma guarda, atirei-lhe um copo d’água, acusei o médico que mandara derrubar-me ao chão. Ninguém reagiu. Ninguém me fez mal. Por que a chegada de minha mãe me permitia agredi-los? Se a terapêutica era pancada, que se desse pancada sem receio da família. Mas os psiquiatras são piores do que os policiais. (2015, p. 153).

Os efeitos dos enquadramentos, tão presentes também nos momentos em que Maura descreveu a forma como viveu sua vida antes do hospício, aparecem em vários momentos do diário. O fato de ser reincidente no Engenho de Dentro e, além disso, ter gastado todo o dinheiro que recebera como herança, conforme relata, fez com que sofresse forte pressão por parte dos funcionários do hospício.

Dona Júlia [enfermeira], tão logo me senti melhor da tentativa de suicídio (estive realmente muito mal, passei inconsciente vários dias), passou a perguntar-me quando eu deixaria o hospital. Acusava-me de querer passar a vida à custa do Governo. Eu possuía vários problemas que me impediam de sair: estava sem emprego, dinheiro e roupas (Décio dissera-me que Reynaldo [Jardim] prometera levar-me para trabalhar com ele no jornal). Achava-me ansiosa. No momento não tinha para onde ir – ou o teria feito. (2015, p. 44-45).

A intensa precariedade de Maura Cançado, que a colocava submetida às condições de louca e de

mulher internada em hospício, assim como a reputação social que foi se deteriorando, ao longo das crises que teve durante sua vida, conferiram-lhe crescente invisibilização e descredibilidade quando se tratava de suas denúncias. O isolamento institucional, o abandono familiar, a falta de dinheiro e de moradia e seu comportamento extravagante são alguns dos aspectos norteadores de sua narrativa, onde ela expressou o quanto se considerava alguém cuja vida valia a pena ser chorada.

As lições encontradas em “Hospício é deus”

Estou perdida no meu mundo de depois. Estou só, como o prenúncio do que virá tarde demais. Sinto na carne meu desconhecimento da dor. Ele enlaça-me, fere-me, busca matar-me. E se ainda não morri é porque não encontrou em mim o humano. (Cançado, 2015, p. 171).

O diário de Maura Cançado possibilita a reflexão acerca das precariedades e das condições de reconhecimento a que estamos submetidos, assim como as dificuldades de ser “si mesmo” em nossa sociedade, sobretudo, quando não correspondemos às expectativas dos outros. A redução de todas as complexidades e dificuldades vividas por Maura Cançado ao seu diagnóstico, que como toda explicação psicológica e psiquiátrica, pressupõe a si mesma, acabam por invisibilizar totalmente os nexos que fazem surgir cada linha do diário. Maura, refletindo sobre sua condição no hospício, foi aprendendo as contradições do “cuidado” oferecido, preocupado com a doença e incapaz de encontrá-la como pessoa. Valendo-nos de mais uma contribuição de Butler (2010), é possível assinalar que:

O modo como sou apreendido, e como sou mantido, depende fundamentalmente das redes sociais e políticas em que esse corpo vive, de como sou considerado e tratado, de como essa consideração e esse tratamento possibilitam essa vida ou não tornam essa vida viável”. (Butler, 2010, p. 83).

Se considerarmos as condições do nosso presente, o livro “Hospício é deus” de Maura Cançado nos parecerá um clássico ou uma análise de um passado que continua a ser repostado. Caso o texto seja lido para além de uma pressuposição da condição de Louca da autora, ou seja, como um manuscrito que se

apresenta como denúncia ou pedido de socorro, cada linha do diário poderá mostrar como o destino infeliz de Maura não foi algo que ela buscou – ele foi um resultado dos efeitos colaterais das rotulações e da forma como Maura passou a ser reconhecida nos espaços em que frequentava. Ao mesmo tempo, a forma como Maura experienciou cada coisa e narrou em seu diário reforçou a ideia de que “cada instância normativa é acompanhada de perto por seu próprio fracasso” (Butler, 2010, p. 22).

A precariedade na condição de mulher que não correspondia às expectativas morais e sociais de sua época, articulada com todos os efeitos que o enquadramento psiquiátrico produziu em suas internações no hospício, possibilita que questionemos as próprias condições de reconhecimento a que todos nós estamos submetidos. As implicações que Maura Cançado experienciou em sua vida por conta de sua condição de gênero e de louca diagnosticadas colocam em questão os discursos simplistas que acreditam que a superação das condições desumanas está na força de vontade dos sujeitos, no esforço e implicação individual.

A escritora ensina em seu diário, ilustrando o que Agamben (2015) discutiu no ensaio acerca da obra “Bartleby”, de Melville, que a potência não se refere diretamente a vontade. Aliás, acreditar que a vontade tenha poder sobre a potência, “que a passagem ao ato seja o resultado de uma decisão que põe fim a ambiguidade da potência (que é sempre a potência de fazer e de não fazer) – é essa, precisamente, a perpétua ilusão moral.” (Agamben, 2015, p. 27).

Ao narrar sobre as situações experienciadas durante seu tratamento no hospício, Maura deixa evidente que a superação dos manicômios ainda não foi concluída. Isso porque ela consegue mostrar que o hospício não é apenas a estrutura fechada do asilo, do hospital, um muro alto a ser superado. O hospício é uma forma de racionalidade instrumental, uma maneira de compreensão e reconhecimento dos outros.

Assim, enquanto uma forma de racionalidade, essa instituição se justifica e se legitima a partir de um pseudo discurso científico e por práticas de coerção e submissão do outro travestidas de cuidado. A prática manicomial, seja no hospício ou nos serviços substitutivos de saúde mental da contemporaneidade, é o exercício de violência ética. O domínio e aniquilação do outro, a partir do discurso técnico, para seu próprio bem.

A mensagem que o diário oferece é a de que nossas obrigações não são necessariamente para com os problemas de uma vida em si mesma, mas, pelo contrário, para com as condições que tornam a vida possível ou não. Essa talvez seja a maior lição

encontrada nas linhas do diário de Maura Caçado, nos registros de sua vida que não foi chorada ao seu final: quando exercitamos nossa racionalidade instrumental e executamos nossas práticas manicomiais, abolimos o outro e nós mesmos. E nossa responsabilidade perante essa questão é inegável, como a autora bem assinalou:

Parece-me que toda a humanidade é responsável pela doença mental de cada indivíduo. Só a humanidade toda evitaria a loucura de cada um. Que fazer para que todos lutem contra isto? Não acho que os médicos devam conservar ocultos os pátios dos hospícios. Opto pelo contrário; só assim as pessoas conheceriam a realidade, lutando contra ela. ENTRADA FRANCA AOS VISITANTES: não terá você, com seu indiferentismo, egoísmo, colaborado para isto? Ou você, na sua intransigência? Ou na sua maldade mesmo? Sim, diria alguém, se pudesse: recusaram-me emprego por eu ter estado antes internado num hospício. Sabe, ilustre visitante, o que representa para nós uma rejeição? Posso dizer: representa um ou mais passos para o pátio. (Caçado, 2015, p. 160).

O “Hospício é deus!”, escreveu Maura Caçado. O hospício é onipresente, a loucura é eterna. Não por acaso, a moldura manicomial ainda resiste e é evidente nos serviços substitutivos, sobretudo para quem procura ver para além daquilo que se apresenta materialmente aos nossos olhos. Mas lembremos, as molduras que os diferentes enquadramentos produzem nunca determinam, de forma precisa, o que pensamos ou reconhecemos. Algo sempre ultrapassa as molduras e atrapalha nosso senso de realidade, “algo acontece que não se ajusta à nossa compreensão estabelecida das coisas” (Butler, 2010, p. 24).

Referências

- Adorno, T. W. (2001). *Problems of Moral Philosophy*. Stanford, California: Stanford University Press.
- Adorno, T. W. (2003). Ensaio como forma. In T. W. Adorno, *Notas de Literatura I* (pp. 15-45). Porto Alegre: Editora 34.
- Agamben, G. (2015). *Bartleby, ou da contingência*. Belo Horizonte: Autêntica editora.
- Batista, D. A. (2010). *Loucura: a temática que constrói o discurso da obra Hospício é Deus, de Maura Lopes Caçado*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, SP.
- Butler, J. (2010). *Marcos de Guerra: las vidas lloradas*. Buenos Aires: Paidós.
- Butler, J. (2015). *Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Caçado, M. L. (2015). *Hospício é Deus - Diário I*. 5ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Ciampa, A. C. (1987). *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense.
- Cordeiro, S. (2014). *Discurso e escrita de si na obra Hospício é Deus de Maura Lopes Caçado*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação Mestrado em História, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Curitiba, PR.
- Corrêa, L. B. (2013). *A consciência no abismo: uma leitura da obra de Maura Lopes Caçado*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- Custódio, M. M. (2014). *Literatura e Loucura: a carnalidade da loucura de Maura Lopes Caçado em “Hospício é deus”*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, MG.
- Delory-Momberger, C. (2011). Fundamentos Epistemológicos da Pesquisa Biográfica em Educação. *Educação em Revista*, 27, 333-346.
- Gomes, L. F. A. (2014). *Loucura e gênero: uma análise da escrita autobiográfica de Maura Lopes Caçado*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, MG.
- Goffman, E. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC.
- Lejeune, P. H. (1970). *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil.
- Lima, A. F. (2010). *Metamorfose, anamorfose e reconhecimento perverso: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica*. São Paulo: FAPESP, EDUC.
- Meireles, M. (2015). Perfil Biográfico. In M. L. Caçado, *“Hospício é Deus - Diário I*. 5ª edição. Belo Horizonte:

Autêntica Editora.

Melville, H. (2015). *Bartleby, o escrevente: uma história de Wall Street*. In G. Agamben. *Bartleby, ou da contingência* (pp. 55-108). Belo Horizonte: Autêntica editora.

Musilli, C. (2014). *Literatura e loucura: a transcendência pela palavra*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

Scaramella, M. L. (2010). *Narrativas e sobreposições: notas sobre Maura Lopes Cançado*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade de Campinas, Campinas, SP.

Silva, G. M. B. L. F. (2008). *Olhando sobre o muro: representações de loucos na literatura brasileira contemporânea*. Tese de Doutorado, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Silva, G. M. B. L. F. (2011). *Literatura, loucura e autoria feminina: Maura Lopes Cançado em sua autorrepresentação da escritora louca*. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural*, 1, 85-98.

Souza, V. R. (2014). *Maura, louca? Não, "Cançada": Os desatinos existenciais de uma "hipermulher" nas décadas de 1940/1950*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília, Brasília, DF.

Recebido em: 13/03/2017
Primeira decisão editorial: 15/05/2017
Versão Final: 08/05/2017
Aprovado em: 09/05/2017